

## **O TEMPO PSICOLÓGICO NAS OBRAS: “OS RATOS”, DE DYONÉLIO MACHADO E “MEMÓRIAS DO SUBSOLO”, DE FIÓDOR DOSTOIEVSKI**

Maria Eduarda Lima de Freitas<sup>1</sup>  
Pablo Lemos Berned<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho propõe apontamentos iniciais para uma análise comparativa entre as obras *Os Ratos* (1935), de Dyonélio Machado, e *Memórias do Subsolo* (1864), de Fiódor Dostoiévski, com foco no tempo psicológico e sua função na construção dos protagonistas. A literatura, ao retratar a complexidade da vida interior, desloca seu interesse da sucessão cronológica dos eventos para o fluxo da consciência e a vivência subjetiva do tempo. Em ambas as obras, o tempo psicológico é um elemento estruturante, moldando a narrativa e aprofundando as crises existenciais dos personagens principais. A escolha dessas duas obras se justifica pela semelhança na maneira como exploram o fluxo interno da consciência de seus protagonistas, utilizando o tempo psicológico como instrumento de revelação da angústia existencial e da alienação individual.

### **1 METODOLOGIA**

Este estudo adota uma abordagem comparativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica. A metodologia utilizada se baseia nos conceitos de Robert Humphrey, em *O Fluxo da Consciência* (1976), e Adam Abraham Mendilow, em *O Tempo e o Romance* (1972). A análise parte da identificação dos elementos de tempo psicológico nas duas obras, observando como o fluxo de pensamentos, memórias e associações fragmentadas estrutura as narrativas.

O trabalho foi desenvolvido a partir da leitura atenta dos romances selecionados, associada à leitura crítica dos textos teóricos de Humphrey e Mendilow. Em seguida, realizou-se a comparação das obras, com o objetivo de observar como as marcas da construção do tempo interno refletem os estados emocionais de Naziazeno e do narrador do subterrâneo. A análise busca estabelecer semelhanças e apontar de que maneira o tempo psicológico influencia no protagonismo e no percurso dos personagens.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE**

Adam Abraham Mendilow (1972) explica que o tempo psicológico está relacionado à imaginação, pois é nesse tempo que o indivíduo é capaz de sair da linearidade e revisitar antigas experiências, não estando restrito ao tempo "real" ou cronológico:

---

<sup>1</sup> Acadêmico(a) do Curso de Letras Português e Espanhol – Universidade Federal da Fronteira Sul 9ª fase 2025. melf201735@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Orientador. Prof. do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul. pablo.berned@uffs.edu.br

É comumente contrastando ao tempo psicológico ou de percepção – a relação temporal entre objeto e sujeito. O tempo do relógio não tem significado algum para a imaginação, sendo uma convenção altamente artificial e arbitrária desenvolvida com fins de utilidade social para regular e coordenar ações que envolvam mais de uma pessoa. Pegamos um trem, deixamos o escritório ou jantamos pelo tempo do relógio; mas nossas experiências, pensamentos e emoções procedem numa ordem diferente e pessoal. Nosso senso da velocidade ou da duração da experiência pode ser colocado apenas em termos de valores a medido pelo nosso tempo pessoal, pelo tempo psicológico, embora, para fins de comparação, possamos projetá-lo contra os pontos fixos do tempo conceitual (MENDILÓW, 1972, p. 42).

Robert Humphrey (1976) contribui para essa perspectiva ao definir o fluxo de consciência como uma técnica narrativa que tenta reproduzir os processos internos da mente, captando pensamentos, sensações e percepções tal como eles ocorrem. O autor ressalta que, para representar a consciência humana, é necessário romper com a lógica linear e com a estrutura narrativa tradicional:

Podemos definir a ficção do fluxo da consciência como um tipo de ficção em que a ênfase principal é posta na exploração dos níveis de consciência que antecedem a fala com a finalidade de revelar, antes de mais nada, o estado psíquico dos personagens (HUMPHREY, 1976, p. 9).

Essas concepções teóricas são fundamentais para compreender como o tempo psicológico e o fluxo da consciência estruturam as narrativas de *Os Ratos* e *Memórias do Subsolo*, revelando, antes de tudo, a interioridade fragmentada dos protagonistas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em *Os Ratos*, a narrativa centra-se na experiência angustiante de Naziazeno, que, ao longo de um único dia, enfrenta a pressão de saldar uma dívida. Esse dia, aparentemente comum, é dilatado pela percepção subjetiva do personagem: as horas parecem se estender, marcadas pela frustração, pelo medo e pela impotência. O tempo psicológico se manifesta através da alternância entre ações externas e fluxos internos de pensamento.

Naziazeno é atormentado por lembranças e sensações de desamparo, que quebram a linearidade da ação e tornam o tempo interno mais relevante que o tempo cronológico. Um exemplo aparece quando o protagonista, ao tentar resolver sua dívida, se perde em reflexões:

Naziazeno vai fazendo outra vez o caminho da repartição. Ainda lhe soa aos ouvidos aquele seu próprio “Até logo”, breve e claro, “natural”, querendo simular coragem e confiança... A sua tristeza tem sempre esse rebate no estômago e no peito: sente dentro de si um oco dolorido, ao mesmo tempo que as feições se lhe repuxam... E pela segunda vez, nessa manhã, a impressão da solidão, do abandono... (MACHADO, 1935, p. 42-43).

Aqui, o tempo da ação externa quase se suspende, dominado pelo tempo psicológico da imobilidade e da introspecção, revelando a psique conturbada do protagonista.

Em *Memórias do Subsolo*, a fragmentação temporal é ainda mais evidente. O narrador do subterrâneo alterna relatos de episódios passados com digressões filosóficas e emocionais, compondo um quadro de profunda desordem temporal. O tempo psicológico é distorcido, refletindo a perturbação interna do personagem: “Eu sou um homem doente... e, no entanto, sei perfeitamente que não sou doente” (DOSTOIÉVSKI, 1864, p. 7).

Essa oscilação interna, marcada pela dúvida, pela contradição e pela permanente autorreflexão, evidencia que o tempo narrativo se submete ao fluxo mental, e não à ordem cronológica dos fatos. O fluxo de consciência aparece em sua forma primitiva: o narrador expõe seus pensamentos caóticos, ressentidos e contraditórios, revelando uma mente dilacerada pela introspecção e pelo isolamento social.

Em ambos os textos, o tempo psicológico prevalece sobre o tempo cronológico. O ritmo da consciência perturbada dos protagonistas move a narrativa e revela, de forma intensa, o estado de paralisia emocional, angústia existencial e impotência.

## CONCLUSÃO

O tempo psicológico, conforme observado em *Os Ratos* e *Memórias do Subsolo*, atua não apenas como um recurso técnico, mas como uma verdadeira via de acesso ao universo interno dos protagonistas. A fragmentação do tempo narrativo expõe a incapacidade de Naziazeno e do narrador do subterrâneo de se adaptarem ao tempo social e às expectativas externas, configurando personagens marcados pela hesitação, pela solidão e pela autodepreciação.

Esses apontamentos iniciais sugerem que o tempo psicológico é, em ambas as obras, o espelho do fracasso existencial dos protagonistas. Ele reflete a maneira como ambos vivem o presente: presos a angústias e perspectivas desoladoras. Assim, o tempo psicológico não apenas caracteriza os estados emocionais dos personagens, mas também estrutura o próprio desenvolvimento narrativo, tornando-se a expressão máxima de suas crises existenciais.

## REFERÊNCIAS

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução: Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

HUMPHREY, Robert. *O Fluxo da Consciência no Romance Moderno*. São Paulo: Cultrix, 1976.

MACHADO, Dyonélio. *Os Ratos*. São Paulo: Todavia, 2022.

MENDILOW, Adam Abraham. *O Tempo e o Romance*. São Paulo: Cultrix, 1972.